

O camarote n. 12

Na quarta pagina de um jornal mundano, sob a rubrica «Casamentos ricos» appareceu um dia o seguinte convidativo annuncio :

« Orphã — Um senhor, tutor de uma moça de vinte annos, bonita, distincta, 10 milhões de dote, deseja casar a sua pupilla com um senhor distincto, 25 a 45 annos, independente de fortuna.

Endereço ás iniciaes W. 37 no escriptorio do jornal. »

E' inutil afirmar que, logo no dia seguinte, começou a cahir um chuva de cartas dirigidas a W. 37. Em pouco tempo amontoaram-se mais de quinhentas.

Alguns dias depois o visconde de Castel-Ladéche, um dos quinhentos, recebia a seguinte resposta :

« Senhor — As informações que tiveste a bondade de fornecer-me sobre a vossa posição social, gostos, etc., satisfazem-me completamente.

Quanto á minha pupilla, devo declarar-vos que, considerando-se bastante rica para dous, deu-se ao luxo, bem raro na nossa epocha, de um casamento de inclinação. Resta saber si o Sr. agrada-lhe. Devo entretanto dizer-vos que a vista da vossa photographia não causou-lhe desagrado algum .. pelo contrario. Foi isso que determinou-me a proporcionar-vos uma entrevista com ella; para tal deveis achar-vos na quarta-feira, 15 do corrente, no theatro das «Folias Phantasticas». Occuparemos, minha pupilla e eu, o camarote n. 12, onde teremos immenso prazer em vos receber entre o primeiro e o segundo acto. — Sou etc. W. 37. »

Castel-Ladéche foi n'um pulo de casa ao theatro das «Folias Phantasticas».

— Uma cadeira de 1^a! pediu elle offegante ao bilheteiro.

— Para hoje?

— Não, para 15

— Não ha mais. Toda a platéa está vendida para esse dia.

Que espiga! O visconde insistiu. Em vão! estava tudo tomado, da platéa ás torrinhas. Não havia sequer a metade de uma travessa.

O postigo do bilheteiro fechou-se sem piedade. Castel Ladéche sahio consternado.

Na porta do theatro um individuo de chapéo molle aproximou-se d'elle!

— Cadeira de primeira, cidadão!

— Vá p'ra o diabo que o carregue.

— Para o espectáculo de 15!

— Hein??!!

O individuo sorriu de uma maneira mephistophelica e entrou no botequim fronteiro. Castel-Ladéche, já esperançado, foi no encaço do cambista.

— Boa cadeira, cidadão .. primeira fila... bom numero...

— Fico com ella.

— Custa vinte francos.

— Caramba?

— Nem um ceitil menos! declarou friamente o cambista, tornando a metter o bilhete na algibeira.

O visconde fez uma careta, mas acabou por pagar e levou o bilhete murmurando:

— Ainda tive sorte encontrando sempre o sujeito.

*

A noite de 15 foi celebre nos annos do theatro das «Folias Phantasticas». A pequena platéa estava como um ovo.

Por toda parte cazacas pretas com flores na botoeira, mais cazacas e mais cazacas!

O guarda municipal de serviço não conseguiu encontrar lugar, nem mesmo sobre os joelhos de uma costureira.

Só um camarote estava vasio, o camarote n. 12, para o qual se assestavam com persistencia os binoculos da multidão dos cazacas.

Durante o entreacto os referidos cazacas espalharam-se pelos corredores. Nas immediações do camarote n. 12 era um formigueiro.

Começou o 2^o acto.

E o camarote n. 12 continuava hermeticamente fechado, immutavelmente vasio!

*

Durante esse tempo no restaurant do theatro estava um bando de sujeitos devorando bocks sobre bocks e absorvendo montanhas de choucroute.

Berlingot, o gordo comico das «Folias Phantasticas» em beneficio de quem se effectuava a representação, presidia paternalmente a esse regabofe;

— Vamos, meus filhos! — dizia elle, comam a fartar, bebam á vontade!... Sou eu quem paga!

— Pódes muito bem pagar, respondiam os camaradas. Que receita vai dar o teu beneficio!

— Felizardo, esse Berlingot!

N'esse momento a pequena Angela, que acabára o seu papel no 2^o acto, fez irrupção no restaurant, toda assustada:

— Vão vêr, — disse ella, — estão se batendo na platéa!...

— Estão se batendo?...

— Sim, sujeitos de casaca que estão brigando ás bengaladas... Ninguem sabe porque

— Eu sei! — disse tranquillamente Berlingot. E' por causa do camarote n. 12.

— Mas não tem ninguem n'esse camarote, — observou a pequena Angela intrigada.

— Justamente!

E esse gordo Machiavel de Berlingot accrescentou piscando o olho:

— O camarote n. 12 foi um pequeno expediente que arranjei... para ter certeza da casa cheia.

Não foi uma carta que o visconde de Castel-Ladéche recebera, e sim uma verdadeira circular!

MIGUEL THIVARS.

Da « Pagina azul »

Será nossa união
(sorris? Ora, não seas desdenhosa!)
o duetto de um cysne e de uma rosa,
de um astro e um coração...

E assim que fores minha
e o meu desejo for o teu desejo,
hei de escrever, tendo qualquer ensejo,
n'uma aza de andorinha
um hymno aos olhos teus, molhando a penna
no orvalho do teu beijo!

Ire-nos campo afóra,
braço dado, accordando os passarinhos
que nos vendo passar depois da aurora
fugirão dos seus ninhos
para cercar-te de carinho e festas,
de festa e de carinhos!

E eu farei como os sabios,
de cada verso uma pequena abelha
que dos meus labios tremulos deserte
para a rosa vermelha,
para a vermelha rosa dos teus labios...

E em meio da viagem
quando quizeres distrair a vista,
na propria natureza, como artista,
eu hei de te ir mostrando
essas nuances proprias de paizagem!

Tal um pintor que brinda uma rainha
de um quadro original, contente e ufano:
— uma fina *marinha*
palhetada de azul veneziano! —

Depois sonhando ou rindo
buscaremos o lar que nos espera,
ninho que para nós a primavera
já anda construindo...

E ahí nossa união
será (como me escutas carinhosa!)
o duetto de um cysne e de uma rosa,
de um astro e um coração...

DEMOSTHENES DE OLINDA.

Brasil-Uruguay

Já seguiu para sua patria a comissão oriental que esteve entre nós. A sua permanencia nesta capital foi uma longa serie de festas, de bailes, de passeios, corridas... A cidade enfeitada e illuminada durante longos dias apresentava o aspecto feerico de uma cidade que se diverte deveras. E este povo que justa ou injustamente goza da fama de um povo triste, ou por natureza ou por dyspepsia envergonhou os seus trajes domingueiros, e sahio á rua disposto a admirar a illuminação, a bater palmas as decorações e a applaudir as tropas que diariamente sahiam a passeio, luzidas, garbosas, impondo-se ás multidões, pelo brilho das bayonetas, penachos dos capacetes e pelo valor numerico. E o facto é que a não serem as festas de 13 de Maio, não temos idéa de outras tão brilhantes e tão ruidosas.

Dirá talvez a gentil leitora que para isso despendeu o governo a importante somma de 800:000\$000. Que se despendesse o dobro ou que se gastasse dez vezes mais: se o povo não se associasse, de veras, ás manifestações populares, de nada valeriam os oito centos contos. O povo é a alma de tudo; sem o seu concurso que é sempre espontaneo e nunca solicitado não ha dinheiro, não ha força official, não ha coisa alguma que possa imprimir aos festejos o seu principal elemento de atracção: a concurrencia. E a concurrencia foi verdadeiramente extraordinaria nas festas de 15 de Novembro. Mas como nada ha neste mundo sem um senão, não gostei que se festejasse a victoria da triplíce alliança sobre a republica do Paraguay. E' esse um facto que pertence á historia e não nos devemos orgulhar de ter esmagado uma nação irmã, que absolutamente não tem a culpa de ter tido governos despoticos.

Nós somos um povo grande e nobre e devemos portanto ter generosidade de sentimentos. Esqueçamos o nosso triumpho sobre um povo irmão que seria hoje uma das glorias da America do Sul, se não se tivesse empenhado por culpa sua, ou por culpa nossa (quem sabe?) em uma campanha que foi uma hecatombe.

O paraizo perdido

Depois d'esta tempestade chamada homem, fez Deus esse arco iris a mulher.
Foi a corôa da criação, assim com o iris é o diadema do céo.

Inspirada pela serpente, Eva beijou a maçan prohibida, e d'aquelle beijo nasceu o peccado.
O peccado é uma trindade; mulher serpente e maçan.

Quer dizer: mundo, demonio, carne.

A mulher é discipula da serpente.

O homem discipulo da mulher.

O primeiro sorriso da mulher significa amor, o segundo morte.

Depois do relampago, o raio.

Por traz das rosas, os espinhos.

Eva ao deixar o paraizo, voltou o rosto banhado de lagrimas e deu-lhe o ultimo adeus.

Exhalou do peito um tristissimo suspiro.

As lagrimas da mulher são sempre para o homem como o golpe da misericordia.

Adão ao vel-a chorar, chorou tambem.

Na porta do paraizo tinha Deus collocado um anjo com uma espada flammejante.

Lá dentro reinava o silencio e a soledade.

Adão olhou para Eva. Viu brilhar-lhe na frente a aureola da desgraça.

Não se atreveu a levantar os olhos, e sentiu a duvida dilacerar-lhe o coração.

O primeiro homem pegou na mão de Eva e disse:

«Se Deus me restituísse o paraizo, eu perdê-lo-hia outra vez.»

E o proscripto encontrou o caminho do exilio alcatifado com as flores de um novo Eden.

D'esde então o amor é um pequenino paraizo que trazemos no coração.

Mulher, serpente, arvore da vida e da morte, relampagos e raios, rosas e espinhos, sorrisos e lagrimas, suspiros e saudades.

Tudo alli está.

Até o reflexo da maldição, que nos condemnou ao trabalho, á dor e á morte. Mas que em troca nos deu a esperança.

A esperança da redempção. A serpente calcada pelos pés de outra mulher.

Tudo alli está. Toda a tragedia do paraizo.

Até o anjo, com a espada flammejante, que nos diz em letras de fogo quando voltamos os olhos para o passado:

«Aqui não ha esperança.»

Até a voz intima que, imitando a voz de Adão, nos diz «Se Deus me desse o paraizo, eu trocá-lo-hia mil vezes pelo amor de uma mulher.»

Que importa o paraizo?

Tenho-o no coração.

Assim o proscripto tem tambem no seu coração a imagem da Patria.

R. MONTILLA TRANES.

Alma súpplice

A minha alma sente
Quando sorris, ditoso,
Indescreptível goso
Fremil-a docemente!

Por isso, como um crente
Implora fervoroso
Ao Todo-Poderoso
A salvação da gente,

Ella, a teus pés curvada,
Constricta e commovida,
Te pede ajoelhada,

Como quem pede a vida,
A esmola abençoada
Do teu sorrir, Querida!

NATIVIDADE LIMA.

Victor Duruy

O historiador francez, cuja morte o telegrapho ultimamente nos transmittiu, contava 83 annos de idade.

Pertencia a uma familia de artistas, empregados nos gobelinos e sendo destinado á carreira de seus pais, começou tarde seus estudos classicos em um collegio.

Admittido logo (1830) na escola normal, foi em 1833 encarregado da classe de historia no collegio de Reims, e dois mezes depois obteve o mesmo emprego em Paris no collegio de Henrique IV.

Nesta epocha de sua vida, collaborou, sem dar o seu nome, em varios livros elementares de historia.

Em 1853 tomou o gráo de doutor em letras, e em 1861 começou no ensino secundario de historia.

De 1861 a 1862 foi successivamente inspector da academia de Paris, inspector geral do ensino secundario e professor de historia na escola Polytechnica.

A 23 de junho de 1863 obteve no governo de sua patria a pasta da instrucção publica, que deixou em julho de 1869

Neste longo periodo realisou um grande numero de reformas importantes. Introduzio nos liceus o estudo do ensino contemporaneo; autorisou e estendeu os cursos livres; organisou conferencias nocturnas em Paris e em todas as cidades; abriu a mulher as portas do ensino secundario; introduziu nos lyceus o estudo da gymnastica e os exercicios de arma de fogo, etc.

Por estas medidas que, nem todas, agradaram aos democratas, atrahio o odio do partido clerical.

Fazia parte da academia de Inscriptões e bellas letras em 1873, entrou em 1879 para a de sciencias moraes e politicas, e recebeu em 1867 o grão de grande official da legião de honra.

As numerosas obras de Duruy, das quaes antes de 1860 se tinham vendido mais de duzentos mil exemplares em França e no estrangeiro, são baseados no duplo ensino da historia e da geographia, e tende a eleva-la constantemente ao nivel dos progressos de uma e outra sciencia.

As melhores têm os seguintes titulos :

Geographia politica da Republica Romana e do imperio (1838, em 12º contendo nove mappas) seguida da *Geographia historica da idade média* (1839) da França (1840), Atlas de geographia, historia universal (1841), historia dos romanos e dos povos submettidos ao seu dominio (1840 e 1841) e varios compendios de historia.

Varias das obras citadas fazem parte da *Historia Universal*, publicada sob a direcção de Duruy, pela casa Hachette, de Paris, e que abraça a historia das principaes nações antigas e modernas e das principaes litteraturas.

Offerecemos estas ligeiras linhas biographicas ás nossas leitoras ; porque foi Victor Duruy o ministro, em França, que mais resolutamente se bateu pela independencia do ensino da mulher a quem por este meio, abriu largos horisontes nas profissões liberaes; apesar da guerra sem treguas que sempre lhe moveram.

Aos gaúchos Rio-Grandenses

Avante gaúchos, ás armas valentes,
Ao sul desce a guerra, tremendo albatroz !
No pouso, no rancho, resdã frementes
As vozes da Patria chamando por vós.

Rompei altaneiros em vossos ginetes
Das mattas umbrosas a vasta amplidão ;
Cercai com a guarda dos vossos piquetes
A heroica bandeira do nosso torrão.

Se tendes nas veias um sangue guerreiro,
Quem ha que vos veja na lucta tremer,
Oh filhos valentes do rijo pampeiro ?!

Os fortes, os dextros, não temem morrer !
Um astro vos guia no céo do cruzeiro,
A' frente gaúchos, haveis de vencer.

REVOCATA H. DE MELLO.

Rio Grande—1894.

Vencido-Vencedor

O duque de Mericoff, um russo levado dos diabos, quando era estudante em uma universidade da Allemanha teve um desafio de um collega allemão de natureza viva e muito patriota.

Deram causa á rixa os olhos tentadores de uma moçinha hespanhola, uma legitima representante das quentes regiões ibericas, onde o sol tanto calor dá ao sangue das formosas descendentes do Cid.

Tratava-se, portanto, de um conflicto sério entre a Russia e a Allemanha por causa da Hespanha. A mão desta era solicitada ardentemente pelas duas outras potencias belligerantes.

O desafio devia realisar-se á cerveja, á boa cerveja allemã que um allemão que se preza nunca se farta de beber, mesmo cahido.

O allemão que não bebe da boa cerveja até não ter conhecimento do que se passa em torno de si, em certas pagodeiras de rapazes, falta a um dos preceitos do patriotismo germanico, deste patriotismo de aço que quebra, mas não verga.

E dizem os entendidos que de facto a cerveja nas nebulosas regiões da velha e poetica Germania é um verdadeiro nectar que não custa lá os olhos da cara.

Muitas questões de certa gravidade são mesmo resolvidas por meio do precioso liquido que é ingerido de modo a dar ganho de causa ao mais forte, ao que tiver cabeça mais resistente. O que primeiro rola por baixo da mesa dá logo prova de que é fraco e considera-se vencido; pelo que registra-se o facto em uma acta que tem o valor official de uma derrota em toda a linha.

Era o caso dos dous estudantes que pretendiam a mão da gentilissima hespanhola. A qual dos dous caberia ella? Ao que tivesse força para beber mais.

E' inutil accrescentar que a causa desta rixa, isto é, a formosa pretendida não teve e nem devia ter conhecimento da natureza do processo empregado para se verificar a quem deveria ella pertencer, qual dos dous teria o direito de pedir sua mão.

Ao que mais bebesse; naturalmente. E' facil porém de imaginar que semelhante processo parecesse repugnante á moça, ficando, portanto, combinado entre ambos os contendores que o que ficasse vencido, afastar-se-hia absolutamente do campo de acção, deixando ao outro, ao vencedor, verdadeira liberdade de acção.

Resolvido isso, marcou-se o dia da luta que se realisou ao ar livre, debaixo de uma arvore, em torno de uma tosca mesa, onde foram depositados diversos cangilhões da convidativa e odorosa cerveja allemã, da legitima, da que faz honra á industria.

No fim de duas horas de prodigiosas libações, o russo rolava pesadamente no chão.

Venceu o allemão. De accordo com o que ficara combinado e sem reparar no estado em que se achava correu á casa da hespanhola a fazer o pedido de casamento.

O russo ficara dormindo debaixo da mesa. Recebido pelos paes da formosa pretendida, teve ingresso no salão. Mas... tal era o seu estado que nem se quer podia ter de pé. Ficou muito mal ferido com o liquido.

Ainda assim fez o seu pedido de casamento, conforme poudo, mas teve uma recusa formal e foi convidado, delicadamente, a retirar-se.

Mezes depois o russo que já se suppunha suplantado pelo rival, teve conhecimento do que se passava.

Fiel á sua palavra, nunca mais procurou ver a moça; vendo, porém, que o outro estava irremediavelmente perdido aos olhos da hespanhola, renovou a sua candidatura, tendo o cuidado de ir fazer o pedido em seu perfeito juizo.

E foi acceito.
E assim ficou o vencido-vencedor.

Noite de angustia

Dormi, sonhei talvez, acórdo agora;
Sinto um vacuo profundo dentro d'alma...
Anceio embalde pela luz d'aurora!

Que longa noite! Que soffrer sem calma!
Se os proscriptos dos gosos tem victores
Os meus terão do desespero a palma.

Adormeci cercada de esplendores,
Merencoria ia a noite deslizando,
A terra era um painel pleno de amores.

Depois prostrou-me a febre, e delirando
Vi ante mim um quadro lutulento
E ajoelhei constricta soluçando.

Meu Deus! Meu Deus! Que lugubre momento!
Um mundo de illusões rolou sem vida,
Só me ficou no seio o isolamento...

Tento embora lutar; triste, abatida,
Pende-me a fronte enferma e suarenta,
Vaga meu coração sem ter guarida.

Noite fatal, como pareces lenta!
Oh! se fosse possível vir o dia...
O sol, a luz, a claridade alenta.

Mas é eterna a noite d'agonia,
Quando a saudade infinda nos lacera,
Sinto o corpo tremer, a fronte é fria,
Que nova angustia o meu viver espera?!

JULIETA DE M. MONTEIRO.

Rio Grande do Sul.

THEATROS

Rio, 7 de Dezembro de 1894.

Continuam no Apollo os espectaculos da companhia lyrica italiana do empresario Verdini, que dão ao publico uma idéa muito pallida do genio musical do seculo XIX.

A grande novidade do dia é, no Sant'Anna, a *Cornucopia do Amor*, magica em 3 actos e 19 quadros de Moreira Sampaio.

A peça tem graça, mas o espectáculo recommenda-se principalmente pela riqueza dos scenarios e dos vestuarios.

A musica de Costa Junior é ligeira e agradável.

Parece-nos que a *Cornucopia do amor* ha de ser para os artistas do Sant'Anna uma cornucopia de ouro.

No Variedades voltou á scena o *Frei Satanaã*, uma das peças mais representadas no Rio de Janeiro.

Tivemos no Lucinda uma *reprise* do *Burro do Sr. alcaide*, com uma distribuição de papeis que não vale a do anno passado.

O Recreio retirou de scena o *Mundo da lua*, e varia os espectaculos com as velhas peças do seu opulento repertorio.

A companhia equestre Frank-Brown foi substituida no S. Pedro pela companhia equestre Gardner.

A companhia não vale nada, mas tem um artista notavel, um deslocador prodigioso, que se chama Naska.

X. Y. Z.

Supplica

Escuta a minha voz, ó minha amada!
Minha estrella! meu héspero fulgente!
Minha festiva aurora ambarisada!

A cada instante penso em ti sómente...
E em ti sómente vejo as Alegrias,
Que hão de me encher o peito encandescente!

Affoga-me no mar das symphonias
Dos teus magicos olhos tentadores...
Embala-me nas tuas harmonias!

— Doce anodyno ás minhas cruas dôres—
Dissipando em minh'alma o veu medonho
Para que o coração não sinta horrores...

Para que cante e torne-se risonho...
O' minha amada! Dá-me, prestemente,
O sorriso seraphico de um sonho

Que os labios teus esboçam vagamente!
Escuta a minha voz... os célios hymnos
De um coração que ergueu-se alegremente

Do nosso amor aos céus esmeraldinos!

CINCINATO GUTBRES.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos :

Mercedes, polka para piano, editada pela conhecida casa Fertin de Vasconcellos e composta pelo illustre professor A. Giannini, muito conhecido nesta capital.

— Um exemplar do accordam dos membros do Supremo Tribunal de Justiça de S. Paulo contra o inventariante Ignacio de Mendonça Uchôa e sua mulher, dando provimento ás razões de appellação dos herdeiros Eugenio Teixeira e suas filhas.

— Um exemplar, nitida e artisticamente encadernado e impresso do discurso pronunciado em Madrid pelo Sr. Eugenio Teixeira, conhecido e talentoso pintor brasileiro, no Palacio da Exposição Universal de Bellas-Artes, por occasião dos festejos pelo quarto centenario de Colombo.

O mesmo exemplar traz uma photographia do quadro deste artista *A primeira communhão na America*, quadro que foi premiado na exposição; e o retrato, em medalhão do seu autor.

E' um bellissimo trabalho.

— Um exemplar muito bem impresso nas officinas da Companhia Industrial de S. Paulo, da Carta Juridica ao Egregio Tribunal de Justiça de S. Paulo, por Eugenio Teixeira.

A historia de um advogado

No tempo em que o seguinte caso teve logar tinha eu cerca de vinte e quatro annos de idade, e tinha justamente acabado de ser admittido no Fôro Americano. Estudara com vontade e o meu preceptor predisse-me um grande successo na profissão que escolhera; de facto sentia-me seguro de um successo mais cedo ou mais tarde. Este sentimento não era de vaidade, mas só uma consciencia de força. Devo confessar, contudo, que eu previ muitos annos de esforçado trabalho antes que grangeasse alguma reputação, ou mesmo antes de ter algum caso difficil em que podesse mostrar a minha habillidade.

Um dia abri o jornal da manhã, segundo o meu costum e bem depressa me interessei com a noticia de um assassinio commettido a sangue frio e um roubo de banco. O Quinto Nacional, um dos mais ricos bancos da cidade, tinha sido roubado em cem mil dollars e o porteiro morto com um tiro. O caixa fôra achado na manhã seguinte á occorrença, n'uma pequena retrete, n'um escriptorio interior e a sua morte era esperada a todo o momento — havendo grande espanto que não estivesse suffocado.

Como muitos outros tomei interesse no caso que se apresentava tão mysterioso porque não se achava fio nenhum, a não ser uma mascara preta e um revolver que tinham sido deixados cahir no escriptorio. O porteiro occupava um quarto no andar de baixo, mas o

seu corpo fôra descoberto no quarto junto ao escriptorio em que fora encontrado o caixa, e onde estava o cofre. Todos os medicos concordaram em que o porteiro tinha vivido dez minutos pelo menos depois de ter sido ferido pelo tiro; e que elle devia ter feito esforços violentos porque a sua cabeça mostrava as marcas de pancadas com a coronha de um revolver.

Que isto tudo podesse ter tido logar n'uma casa proxima, e que o caixa não se tivesse posto em guarda parecia absurdo, e havia muitos que diziam ser elle cumplice, que abrisse o cofre e então se fechara na retrete sem se lembrar da insufficiencia do ar.

O caixa contra toda a perspectiva, recobrou os sentidos e contou a sua historia. Contou que fora detido no banco por alguns trabalhos até as nove horas. Não ouviu barulho de especie alguma, mas que estava sentado á sua secretaria escrevendo a pressa; então ouviu algem dizer:

— Se olhas em redor de ti, ou fazes algum barulho, és um homem morto!

Olhando naturalmente para a frente viu no espelho, que estava por cima da secretaria, um homem em mangas de camisa que lhe encostara um revolver á cabeça. O homem era de cerca de seis pés de altura, muito robusto, e tinha uma mascara preta que lhe cobria o rosto até a bocca; a pera rapada, e tinha o revolver na mão direita, porque o braço esquerdo estava cortado no cotovello. Isto viu elle nos poucos segundos que decorreram até que o ladrão lhe ordenou para se pôr em pé; repetindo a imposição de não olhar em torno de si nem de fazer barulho.

Então elle disse: «Vim por causa do dinheiro que está n'esse cofre. Matei o porteiro, e matar-te-hei se m'ò não abrisse. Afim de te mostrar que sou homem pratico, trouxe o corpo do porteiro para cima e está ahí n'esse quarto ao lado. Vae até ali á porta e olha para elle. Escusas tentar escapar-te, porque a porta de fóra está fechada, e eu mato-te se o tentares!»

O caixa, foi até á porta do escriptorio e viu o cadaver do porteiro no chão.

— Agora abre o cofre, disse o ladrão.

O caixa aterrado com o que lhe succederia se recusasse, decidiu abrir o cofre, esperando uma occasião para se apoderar do rufião; mas quando abriu o cofre o ladrão immediatamente lhe ordenou que entrasse na retrete.

Isto tambem elle foi obrigado a fazer. A retrete era tão pequena que uma pessoa não se poderia mexer lá dentro, se não fosse isso teria elle empurrado a porta e lutado com o ladrão quando o ouviu abandonar o revolver, o que foi obrigado a fazer para fechar a porta. Ouviu o ladrão mexer no cofre mas em poucos minutos perdeu os sentidos pela falta de ar e não ouviu mais nada até que os recuperou.

Esta historia produziu grande excitação, principalmente por ser o retrato do ladrão quasi exactamente o do coronel Coventry um dos directores do banco. O coronel servira na guerra civil, e tinha perdido o ante-braço esquerdo em serviço. A historia do caixa era corroborada pelo sangue achado no tapete do quarto do porteiro, e vira-se por experiencia que um revolver disparado no quarto não podia ser ouvido lá em cima no escriptorio. Dois homens informaram

VINHO DE CHASSAING
DI-DIGESTIVO
Receitado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do D. SOULIGOUX Laxante certo,
agradavel ao paladar, facil de tomar
O vidro de cerca de 25 doses : 2 fr. 50
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6 E NAS PHARMACIAS.

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella a encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanê-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENCLOS
escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja folce embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais contiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre 31 à PARIS.**
Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUVRE CAPILLAIRE
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e exist em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;
LA PATE ET LA POUVRE MANODERMALE DE NINON
fara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os
Perfumistas
e
Cabelleireiros
de
França
e do
extrangeiro

VELOUTINE
PÓ DE FLOR DE ARROZ especial
PREPARADO COM BISMUTHO por

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

XAROPE DE FLON

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.
Soberano contra

DEFLUXOS BRONCHITES
INFLUENZA CATARRHOS

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

Acha-se em todas as Pharmacias.

Espartilhos DA CASA

DE VERTUS SŒURS
PARIZ

A afamada casa DE VERTUS SŒURS acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA



o reporter que tinham visto o coronel passeando por defronte do banco ás oito e meia da noite do assassinio. Este facto era sufficiente para causar a sua prisão, e o coronel foi mettido na cadeia.

Tão depressa li a historia do caixa determinei defender o coronel Coventry, por que vi uma occasião de provar a sua innocencia, e grangear para mim reputação. Chamei um trem e dirigindo-me para a prisão, encontrei o coronel consultando os seus advogados. Esperei até que elles tivessem partido, para apresentar as razões porque tinha vindo. Olhou para mim com surpresa, e sorrindo disse que tinha advogados mais velhos e experimentados.

— Que esperanças lhe deram elles? perguntei eu.

Fez-se muito vermelho e disse-me n'um tom irritado: — Disseram que os factos são muito contra mim e tratam-me como se me considerassem criminoso; mas os patifes são espertos.

— Coronel, disse eu, como toda a gente que leu os jornaes, elles acreditam que o senhor seja criminoso; mas eu sei que está innocente, e, o que ainda é mais, posso proval-o.

— Proval-o? disse o coronel. Mas como?

— Se promette que me dá a causa, se ficar satisfeito com a minha theoria, digo-l'ho.

— E' claro que lh'a darei se me poder provar a minha innocencia.

Então expoz-lhe o meu plano de defeza e, quando acabei, o coronel apertou-me alegremente a mão, e disse:— Deus o abençõe, meu rapaz! Salva-me da forca!

Despediu os outros advogados, que prazenteiramente lhe disseram que não tinha probabilidade nenhuma de se salvar tendo por advogado aquelle espevitado rapazote, e que merecia ser enforcado só por assim ter procedido. Pedi um julgamento immediato e que a direcção do banco accedeu da melhor vontade.

Como se deve lembrar, a causa era o assumpto do dia e o coronel Coventry era considerado doido, sendo a maior prova o facto de elle me ter encarregado de o defender. Recibi muitos trechos de jornaes e bem depressa o meu nome se tornou conhecido e quando não fosse de uma forma muito invejavel. Exultava com isto tudo, confiado como estava na brilhante mas simples defeza que eu ia fazer. Sabia que a reacção seria poderosa, e que aquelles que agora me insultavam e escarneciam de mim seriam os que, não d'ahi a muito tempo, apregoariam a minha gloria. Quando olho para aquelle tempo surprehende-me que a ninguem tivesse occorrido a defeza que eu ia fazer; tambem é verdade que quasi sempre os pontos mais simples são aquelles em que se não repara na precipitação de seguir um fio errado, cuja unica recommendação muitas vezes é o ser engenhoso.

Procedeu-se ao julgamento; e a accusação apresentou primeiro os dois homens que juraram ter visto o coronel Coventry passeando por diante do banco ás oito horas e meia da noite do crime. Depois apresentou-se a prova de que o coronel, com quanto rico, estava n'esta occasião com necessidade de dinheiro de prompto para completar uma especulação em que entrara.

A ultima e principal testemunha era Mr. Carlos Brand, o caixa, que descreveu o retrato do aggressor, descripção que correspondia á do meu cliente, e jurava do modo mais positivo que o ladrão tinha o braço esquerdo cortado pelo cotovello.

Foi este o ultimo depoimento de accusação e era na verdade uma rede de provas circumstanciadas.

O representante do ministerio publico era um grande sportman muito de apostas. Por isso inclinandome para elle, disse-lhe:

— Quanto quer apostar em como eu provo a innocencia do meu cliente?

Rio-se e disse:

— Não pôde provar, a não ser que apresente o homem que cometeu o crime. Tem-n'o? Esta ultima phrase disse— a elle n'um tom ironico.

— Não, respondi, mas tenho coisa melhor, tenho uma testemunha.

— Diga-me qual é e então apostarei, disse elle.

— A minha testemunha é Mr. Brand, o caixa.

— O caixa? O quê homem, você está doido?

— Então quanto aposta? insisti eu.

— Oh! já que está com tanta vontade de apostar, aposto 500 dollars, respondeu elle, comquanto não goste de apostar quando tenho a certeza de ganhar.

— Aceito a sua aposta, disse eu. Pensa que ha de ganhar e eu penso que hei de ser eu; assim estamos quites.

Este pequeno dialogo passara-se durante o depoimento da administração do banco.

Levantei-me, e dirigi me ao tribunal dizendo que só tinha uma testemunha a chamar; que podia trazer muitas outras que provassem que era costume invariavel do coronel Coventry dar um passeio depois do jantar e que voltava sempre por diante do banco; que tambem tinha muitas outras que podiam provar que o coronel tinha quem lhe emprestasse, pelo seu valor pessoal, e que effectivamente lhe emprestara n'essa occasião o dinheiro que lhe era necessario para a sua especulação; mas que a unica testemunha que ia chamar d'ahi a pouco podia e havia de provar, sem sombra de duvida, que o coronel não era nem assassino nem ladrão. Toda a sala do tribunal estava na maior impaciencia por saber quem era a minha testemunha, mas quando chamei Mr. Carlos Brand, o murmuro de surpresa que agitou toda a sala foi burlesco. De todas as pessoas que ficaram surprehendidas nenhuma o ficou mais do que o caixa, tão inesperadamente chamado como uma testemunha infallivel a favor do homem a quem momentos antes condemnaria virtualmente. Caminhou para a frente com relucancia e ficou de pé com um modo espantado em enquanto o interroguei.

— Está certo de que era na mão direita que o ladrão tinha a pistola?

— Sim, senhor, respondeu elle, tenho a certeza.

— Não podia ter sido na mão esquerda?

— Não, porque o braço esquerdo estava cortado.

— Não é possivel ter-se enganado no braço?

— Não, senhor; estou certo de que era a mão direita que estava apontada para mim.

Entretanto todos suppunham que eu fazia isto para ver se atrapalhava a testemunha e houve alguns commentarios em voz baixa a respeito da minha razão. Disse algumas palavras ao meu escrevente que sahio voltando d'ahi a pouco com um objecto grande embrulhado com um panno, que eu colloquei em frente do caixa.

— Agora Mr. Brand, peço-lhe que olhe para isto sem voltar a cabeça até que eu lh'o diga.

Tendo accedido ao meu pedido, sentou-se olhando attentamente para o panno preto que estava defronte d'elle. Fiz signal ao coronel Coventry, que avançou, tirou o casaco, poz uma mascara preta, que tinha sido levada para o tribunal, agarrou no revolver com a sua unica mão, isto é, com a direita, e pôz-se de pé por de traz da cadeira do caixa apontando o cano do revolver á cabeça. Todos estavam interessados n'esta scena dramatica. A um signal meu, o escrevente puxou o panno e descobriu um grande espelho.

Quando o caixa viu a imagem no espelho deu um salto na cadeira de surpresa mas eu não o deixei levantar-se.

— Diga-me, disse, é esta exactamente a imagem do ladrão?

— Exactamente a mesma, respondeu elle.

— Veja com attenção! Não ha differença nenhuma? D'ahi a poucos minutos disse:

— Oh sim! A imagem tem o revolver na mão esquerda.

A isto correu um murmuro pela sala do tribunal, que eu fiz parar com um movimento de mão.

— E' então possivel que tives e sido este o homem que estava por detraz da sua cadeira no banco? interroguiei eu.

— Não, estou certo que não pode ser o mesmo, agora que reparo melhor, porque este tem o braço direito cortado e tem a pistola na mão esquerda, emquanto que o homem tinha a pistola na direita, como eu já disse.

— Volte-se, disse eu. Quando elle se voltou: — Que diz agora?

O coronel Coventry estava de pé, mascara tirada, tendo a pistola na mão direita Brand pôz-se em pé n'um salto, exclamando:

— Agora percebo tudo! Que estúpido que eu fui. As imagens estavam invertidas no espelho, e o homem que eu vi no banco tinha na realidade a pistola na mão esquerda.

Não tentarei descrever o barulho que se fez no tribunal. Todos perceberam ao mesmo tempo e os applausos eram de ensurdecer quando o meu cliente me apertou a mão e se foi embora, livre, emquanto ninguem parecia mais verdadeiramente satisfeito com a mudança das cousas do que o proprio Mr. Brand.

E' inutil acrescentar que o meu adversario pagou a aposta, e que bem depressa um cheque do coronel Coventry, de 10.000 dollars me foi apresentado. Como é natural não se fallou se não em mim na cidade e a minha reputação ficara feita. Assim veem de que bagatellas muitas vezes pôde depender a carreira de um homem.

O assassino sempre foi preso? Foi, algum tempo depois, quando tentava negociar alguns bonds. Foi preso, julgado e enforcado depois de ter feito uma confissão completa.

(Do Tit Bits).

A ave azul

A *Ave azul* nasceu em ninho feito em fios de linho da Virgem e suspenso nos recortes d'uma nuvem. O seu pae foi um raio de sol; a mãe uma brisa dos tropicos, voluvel e embalsamada, que se perdeu logo no furioso vento.

Quando a *Ave azul* nasceu o céu resplandecia de luz. A nuvem, banhada de sol, parecia um immenso floco azul irisado de lentiçoilas d'ouro, e inclinava-se como se inclina um berço que balouça.

— Como é bella a minha nuvem! dizia a *Ave azul*. Para o lado da terra não se via senão um vapor cinzento, opaco e triste.

A *Ave azul* tinha o genio de sua mãe, era — viajante. Quiz trocar o céu, a sua luminosa patria, pelo horizonte indefinido como a Esperança. Guardando nos olhos um reflexo celeste, desceu á terra.

.....
A' entrada de um bosque, dois amantes avançam um para o outro; e com os braços entrelaçados exclamam:

Romeu.— Adeus, assim é preciso...

Julietta.— Não!... ainda não...

Romeu.— Pensar que esse homem, porque é rico!... Casa com elle, Julietta... Se tal succeder... eu morrerei, emquanto que tu esquecer-me-has!

Julietta.— Esquecer-te!... Ah! tu bem o sabes: se eu podesse, deixaria tudo para te seguir.

(Uma luz de prata atravessa a folhagem. E' a *Ave azul* que passa).

Romeu.— Tu amas-me! Que importa o resto!... Fugamos!

